



Educação. Revista do Centro de Educação

ISSN: 0101-9031

claubell@terra.com.br

Universidade Federal de Santa Maria

Brasil

Cipolini, Arlete; Moraes, Amaury Cesar

Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto - um estudo sobre a utilização do cinema na educação

Educação. Revista do Centro de Educação, vol. 34, núm. 2, mayo-agosto, 2009, pp. 265-277

Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria, RS, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117112615003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto – um estudo sobre a utilização do cinema na educação¹

Arlete Cipolini*

Amaury Cesar Moraes**

Resumo

Este trabalho aborda a relação entre a escola e os recursos audiovisuais utilizados por ela, destacando-se entre estes o cinema. A premissa é a de que mesmo as escolas estando cada vez mais equipadas, a inserção do cinema no cotidiano escolar, efetivamente, não se realiza. Com o avanço tecnológico e o aperfeiçoamento dos equipamentos audiovisuais, hoje, a grande maioria da população tem acesso às grandes produções cinematográficas através de fitas de videocassete e DVD. Tal crescimento parece ser ignorado pela educação escolar, e as administrações públicas divulgam largamente o fato de equiparem as escolas para a reprodução de filmes, mas sem uma preocupação paralela de formação e capacitação dos professores para tal empreendimento. Este trabalho também tece reflexões sobre a importância histórica da linguagem do cinema e de seu caráter de conhecimento historicamente acumulado a ser transmitido pela escola aos que a ela chegam. As hipóteses deste projeto – de que a linguagem do cinema, além de ser um instrumento pedagógico (recurso didático), também é um objeto de conhecimento que possibilita a percepção da realidade mais ampla, e de que os cursos de formação de professores não os preparam para uma adequada utilização deste recurso e para a apropriação desta linguagem – foram, durante a trajetória teórica e empírica, confirmadas, o que comprova que a escola ainda faz uma utilização fragmentada, inadequada e incipiente das novas linguagens, tecnologias e saberes; obtendo, conseqüentemente, resultados muito aquém dos que poderia atingir através de uma apropriação efetiva dessas linguagens, tecnologias e saberes.

Palavras-chave: Educação. Cinema. Formação de professores.

It's not fiction, it is fact: tensions between instrument and object a study about the use of cinema in education

Abstract

This dissertation aims at discussing the relationship between the school and the use of audiovisuals, mainly, cinema. The starting point is that even though schools are more equipped than ever, the insertion of the cinema in schools is not effective. With the advance of technology and the improvement of audiovisual equipments,

* Gestora de Educação no Departamento de Educação do Centro de Treinamento e Educação de Trânsito (CET).

** Professor Doutor pela Universidade de São Paulo (USP).

Arlete Cipolini – Amaury C. Moraes

nowadays, great movie productions are accessible to most part of the population through VHS and DVD. Such growth seemed to be ignored by schools, and it is noticed that public administrations publicize largely that schools are equipped with the necessary equipments for the reproduction of films, but with no preoccupation when it comes to the courses for teachers and educators for the task. This piece of work also discusses the historical importance of the language and its way of cumulated historical knowledge to be transmitted by the school to its members. The hypothesis of this dissertation that movie language besides being a pedagogical tool is also a knowledge tool that allows a broader perception of reality, and that the courses for teachers do not prepare the professionals for an adequate use of this resource and its language were confirmed during the research, leading to the conclusion that the school still uses new languages, technologies and knowledge in a disjointed, inadequate and insufficient ways that leads to inferior results that could be achieved through the effective use of these languages, technologies and knowledge.

Keywords: Education. Cinema. Teacher Formation.

O cinema e a escola

A segunda metade do século XX e o início do século XXI caracterizam-se por grandes transformações tecnológicas e pela crescente importância das mídias no cotidiano das pessoas. Uma nova forma de lidar com o tempo e o espaço delineia-se, as distâncias são superadas num tempo surpreendente, e o acesso às informações atingiu limites impensáveis há duas décadas atrás: crianças e adolescentes aprendem muito cedo a manipular aparelhos audiovisuais, a decifrar a linguagem das imagens e a vivenciar realidades virtuais.

Se por muito tempo a educação priorizou a linguagem verbal e o texto escrito, recentemente a invasão das imagens provou que o estímulo visual se sobrepõe no processo de aprendizagem.

A cultura contemporânea é sobretudo visual. Vídeo games, videoclipes, cinema, telenovela, propaganda e histórias em quadrinhos são técnicas de comunicação e de transmissão de cultura cuja força retórica reside sobretudo na imagem e secundariamente no texto escrito, que funciona mais como um complemento, muitas vezes até desnecessário, tal o impacto de significação dos recursos imagéticos. (PELLEGRINI, 2003, p. 15)

Vários questionamentos têm sido feitos por educadores e outros profissionais quanto à influência dos meios de comunicação audiovisuais – se favorável ou não ao aprendizado – seja como for, é impossível ignorar a importância da comunicação imagética, de forma positiva ou negativa, na transmissão de

informações e na construção do conhecimento. Com a democratização do acesso, sem a respectiva democratização da permanência e da qualidade, a escola, principalmente a pública, manteve-se alheia à rápida evolução tecnológica do século XX.

A mídia tomada como referência para nossa pesquisa e análise foi o cinema, quer como arte quer como entretenimento, mas sobretudo, por apresentar uma linguagem específica de (re)construção da realidade através de imagens e que teve o seu acesso popularizado por equipamentos de uso doméstico. Desde o início do século XX já se falava em introduzir o cinema na educação como um instrumento didático (SERRANO apud BITTENCOURT, 1993) e hoje, sem dúvida, ele já está presente no cotidiano dos alunos, influenciando sua leitura do mundo e sua forma de interpretação da realidade, seja qual for sua faixa etária ou nível socioeconômico.

Passados mais de cem anos de sua invenção, a utilização do cinema pela escola ainda é incipiente, o que suscita alguns questionamentos: o cinema é um conhecimento que a escola se apropriou de forma definitiva e adequada? Os cursos de formação de professores capacitam os professores para utilizar o cinema? Como é o processo de apropriação de novos saberes, tecnologias e linguagens pela escola, e como são essas incorporadas ao processo educativo? A reprodução de filmes *per se* não é suficiente para se afirmar que a escola utiliza o cinema de forma adequada, há que se constatar com que objetivos, com que frequência, em que situações, quais reflexões são forjadas a partir de sua utilização e, principalmente, quais são os resultados atingidos.

Como expressão artística e cultural, como fonte de lazer ou entretenimento, ou mesmo como uma mercadoria, a projeção do filme se justifica por si mesma, mas no âmbito escolar a sua utilização não pode se restringir à função de lazer e entretenimento, pois cabe à escola recuperar o sentido educativo do cinema. Nesse sentido, o filme pode ser utilizado como um instrumento didático, ilustrando conteúdos, principalmente referentes a fatos históricos; como motivador, na introdução de temas psicológicos, filosóficos e políticos, estimulando o debate; ou como um objeto de conhecimento, na medida em que é uma forma de reconstrução da realidade. Assim, o sentido pedagógico do filme pode ter um caráter instrumental e cumprir uma obrigação didática no caso de ser visto como ilustração ou motivação, ou pode extrapolar o conteúdo escolar e adquirir um caráter de objeto que produz novos conhecimentos.

O filme sempre vai além de seu próprio conteúdo, é uma arte que recria a realidade, através de uma linguagem que não é inocente, pois de forma intencional ou não, revela zonas ideológicas, conscientes ou inconscientes. Sem a mediação do educador, a representação da realidade dada pelo filme se afirma como se fosse uma verdade incontestável, como um testemunho ocular da história (FERRO, 1992). Segundo Metz, o cinema, através do movimento,

Arlete Cipolini – Amaury C. Moraes

provoca uma sensação de espetáculo real, o irreal tem aparência de acontecimento e não de ficção, é uma construção que manipula os indícios de realidade,

Imagens [...] que foram animadas por um movimento tão real, que lhes conferiu um poder de convicção inédito, mas do qual só o imaginário se beneficiou, já que, apesar de tudo, tratava-se de imagens. [...] O “segredo” do cinema é também isto: injetar na irrealidade da imagem a realidade do movimento e, assim, atualizar o imaginário a um grau nunca antes alcançado. (METZ, 2006, p. 28)

Isso posto, a mediação do professor pode se direcionar para uma leitura interna e externa do filme, ou seja, para uma análise do texto e do contexto de sua produção, do seu conteúdo e da sua forma, realçando como esse conteúdo é tratado, atendo-se também a todos os elementos constitutivos da arte cinematográfica: técnicas, grupos sociais que interagem, política, sociedade que o produz e o consome. Essa mediação do professor nos remete a outro problema, que é o da formação do professor para tal tarefa. Conforme Napolitano (2003, p. 57):

Obviamente o professor não precisa ser crítico profissional de cinema para trabalhar com filmes na sala de aula. Mas o conhecimento de alguns elementos de linguagem cinematográfica vai acrescentar qualidade ao trabalho. Boa parte dos valores e das mensagens transmitidas pelos filmes a que assistimos se efetiva não tanto pela história contada em si, e sim pela forma de contá-la. Existem elementos sutis e subliminares que transmitem ideologias e valores tanto quanto a trama e os diálogos explícitos.

Para que o professor faça a mediação, ele precisa aprender a “ler” o filme, seja através de uma disciplina específica nos cursos de formação de professores, seja através de cursos de extensão, ou até através de uma pesquisa bibliográfica, por conta própria, que o instrumentalize para tal intento; lembrando que o filme explícita ou implicitamente transmite valores, ideologias, “leituras” de mundo, representações da realidade e, para tanto, utiliza uma linguagem que lhe é específica e que o professor deve saber decifrar. Segundo Marília Franco (1992, p. 26)

o professor deve fazer-se um espectador especializado. Sua especialização é como educador e não como espectador; ao usar o filme na situação de ensino/aprendizagem, está exercendo sua profissão de mestre. Como espectador comum, acumulou vivência e experiência para aplicá-la ao exercício da sua profissão. Como espectador especializado, ele terá autoridade para se fazer intérprete das linguagens audiovisuais.

**Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto –
um estudo sobre a utilização do cinema na educação**

Desde a pré-história, o homem faz representações da realidade com o intuito de conhecer, interpretar e intervir no mundo em que vive. Aristóteles, no mais antigo tratado literário, afirma que

O poeta é imitador, como o pintor, ou qualquer outro artista. E imita necessariamente por um dos três modos: as coisas, tal como eram ou como são, tal como os outros dizem que são, ou que parecem; tal como deveriam ser. Expressa essas coisas por meio de um discurso que consiste de metáforas e vocábulos estrangeiros, e faz muitas modificações nas palavras, pois que aos poetas tal consentimos. (ARISTÓTELES, 1999, p. 70)

Assim, há milênios o homem conta a sua própria história e faz representações da realidade de acordo com a sua leitura de mundo, através da poesia, da pintura, do teatro, das narrativas orais, da literatura e, acrescentamos, nos últimos cem anos, através do cinema.

A invenção do cinema propriamente dito se dá a partir da apropriação do cinematógrafo, com a “manipulação” do registro, que veio depois a ser chamada de *montagem*. Enquanto a máquina registra o movimento, o cinema o interpreta e se caracteriza pela encenação – a ação é criada dentro do quadro, é ensaiada e encenada. Os registros, tanto dos irmãos Lumière como os de Thomas Edison, eram de cenas reais capturadas nas ruas; mas quando Méliès “descobre” a técnica da montagem, realiza a ruptura entre registro “verdadeiro” e o registro de ficção e torna as possibilidades de criação infinitas, pois na tela tudo era possível; com a autonomia da imagem em relação à realidade, o cinematógrafo torna-se cinema.

A arte cinematográfica criou uma linguagem que, como toda linguagem, é uma elaboração para se chegar a um conhecimento, um objeto cultural que não pode ser descontextualizado; é através da linguagem que nos integramos à nossa cultura, adquirimos identidade e internalizamos os sistemas de valores que estruturam nossa vida. Quando o espectador domina a linguagem do cinema, desenvolve um senso estético e um olhar crítico de quem não se contenta em ser um receptor passivo, pois participa refletindo sobre os fatos apresentados, construindo e reconstruindo a história.

O significado do texto cinematográfico não é fixo, definido, imutável, ele se produz na relação com o público, e portanto não existe um significado oculto a ser reconhecido, mas significados, produtos das diversas leituras que dão sentido ao filme. Segundo Flávio Desgranges (2003), a compreensão da obra passa pelo diálogo com a experiência cotidiana, é uma elaboração reflexiva que não se processa sem esforço. Descobrir o prazer desta análise é aprender a ser espectador, tornar-se autor de histórias, fazedor de cultura.

Arlete Cipolini – Amaury C. Moraes

Tornar o educando apto para entender os códigos e a linguagem do cinema para fazer uma leitura do filme e, por conseguinte, dar-lhe condições de compreensão dos sentidos possíveis dentro do contexto na qual se apresenta é tão necessário e importante quanto o domínio das outras linguagens integrantes da grade curricular. Bernardet (1980, p. 19) afirma que:

Dizer que o cinema é natural, que ele reproduz a visão natural, que coloca a própria realidade na tela, é quase como dizer que a realidade se expressa sozinha na tela. Eliminando a pessoa que fala, ou faz cinema [...] elimina-se a possibilidade de dizer que essa fala ou esse cinema apresenta um ponto de vista.

Assim, o papel do professor é fundamental para fazer esta mediação entre o filme – que representa sempre apenas um ponto de vista sobre a realidade –, e suas possíveis interpretações; para tal tarefa, o professor precisa aprender a ser um espectador *especial*, conhecendo a linguagem cinematográfica.

Estudiosos do cinema como manifestação artística, cultural e histórica fazem uma análise da linguagem fílmica a partir de um enfoque que é, de um modo geral, ignorado pela escola. Toda obra literária, cinematográfica, ou de qualquer outra forma artística, mantém uma relação dialógica com a sociedade; esta interfere na construção da obra, que também influencia a realidade objetivando transformá-la ou confirmá-la. Esta relação precisa ser explorada nas reflexões sobre o filme, lembrando que, como já vimos na citação de Bernardet, que embora o social influencie a obra, esta não o reproduz ou o reflete.

Questões abordadas de forma subliminar, que aparentemente passam despercebidas pelo público, determinam juízos de valores, comportamentos e pensamentos, interferindo nas relações sociais e na leitura de mundo. A esse respeito Rosenfeld (2002, p. 224-225) salienta

[...] a possibilidade de se verificar uma série de influências de ordem mais sutil e subreptícia, capazes de modificarem, pouco a pouco, certos costumes e normas de determinada sociedade sob o constante impacto do consumo em massa de fitas de determinada proveniência. Esses efeitos lentos e subreptícios que, de início, não abalam as opiniões conscientes, nem provocam atos ilegais ou anormais, mas que suscitam apenas uma ligeira modificação de hábitos e comportamentos, são evidentes e facilmente comprováveis.

Se por um lado o cinema tem uma função mercadológica, por outro lado o momento histórico influencia a produção cinematográfica – as emoções provocadas pelos filmes são permeadas pelos valores e pela maneira de se lidar com os sentimentos de amor, ódio, dor, perda, raiva, frustração.

**Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto –
um estudo sobre a utilização do cinema na educação**

O filme depende de condições de produção e de mercado, e não de condições didático-pedagógicas – a menos que seja um filme estritamente autodenominado educativo; no entanto, acreditamos, como Marília Franco, que todo filme é educativo, pois trata de um conteúdo determinado e tem uma linguagem própria que é uma forma de transmissão de conhecimento, é um instrumento e objeto de conhecimento o qual produz e veicula uma linguagem artística, mas também ideológica e política.

Sem dúvida, o cinema não pode ser ignorado pela escola, mesmo porque ele é uma construção histórica; no entanto, não é possível transformar a tela numa sala de aula, pois a mediação do professor é imprescindível, ou ainda transformar o que a tela mostra em realidade, pois é apenas uma (re)construção dela. Várias tentativas de prender o filme aos padrões educativos para inseri-lo na sala de aula apontam para uma contradição aos padrões cinematográficos; a indústria de filmes educativos mostrou que mesmo filmes de boa qualidade podem ser considerados chatos ou cansativos pelos alunos. Sem tirar o mérito dos filmes chamados de educativos, quando se reafirma a importância de se levar o cinema para a sala de aula, esta possibilidade não se restringe a eles.

Afirmar que todo filme educa não significa que toda a aprendizagem produzida por ele seja adequada. A fruição do filme envolve prazer e relação afetiva, já que o conhecimento não é apenas fruto do racional, pois sem o emocional, cada espectador faz sua leitura a partir do seu mapa; o professor, ao reger uma discussão partilhada por todos, submetendo o filme a uma análise crítica e interpretativa, transforma o cinema num recurso pedagógico, uma vez que ele é um registro histórico revelador de valores e significados culturais, portanto é educativo e, utilizado de forma adequada se constitui um recurso fantástico de construção do conhecimento.

Conforme Arendt (2002), ao educador cabe transmitir aos mais novos o conhecimento acumulado e também fazer com que construam novos conhecimentos. As várias linguagens elaboradas historicamente, inclusive a linguagem do cinema, com seus conjuntos de códigos e convenções, fazem parte deste saber; a utilização do cinema pela escola não pode se restringir à ilustração de conteúdos ou se dar de forma fragmentada, pois o filme, assim como o conhecimento histórico, é um processo que comporta uma pluralidade de interpretações. Segundo Napolitano (2003, p. 15):

É preciso que a atividade escolar com o cinema vá além da experiência cotidiana, porém sem negá-la. A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. Este é o desafio.

Arlete Cipolini – Amaury C. Moraes

O professor desenvolve sua prática educativa em uma instituição – a escola – e, por conseguinte, essa prática se relaciona diretamente com sua concepção de educação e de escola para poder realizar esse desafio. Portanto, as reflexões sobre a inserção do cinema na escola, de forma que ela realmente se aproprie desse saber, passam por estes questionamentos: sobre o papel do professor, da educação e da escola na construção de um determinado tipo de sociedade.

O cinema na escola

O alto custo dos ingressos de cinema e dos equipamentos de reprodução doméstica de filmes poderia ser tomado *a priori* como um indício de que apenas escolas de iniciativa privada ou escolas da rede pública de localização privilegiada teriam condições de efetivamente utilizar o cinema. No entanto, constatamos, com a pesquisa empírica,² estarem as escolas estaduais de ensino médio, em grande parte, providas de equipamentos audiovisuais, o que não implica, necessariamente, que as mídias estejam inseridas no processo educativo, pois isso só ocorre quando o cinema, ou qualquer outro recurso audiovisual, é submetido a *procedimentos escolares* de estranhamento e crítica (MORAES, 2003; 2006).

Certamente, o fato de as escolas estarem equipadas é um facilitador para que as mídias sejam inseridas no processo educativo, pois sem a aparelhagem necessária, tendo que buscar soluções alternativas para utilizar o cinema, ou qualquer outro recurso audiovisual, o professor teria grandes dificuldades para concretizar tal proposta. Entretanto, os equipamentos não garantem a prática educativa apenas pela possibilidade de acesso nem mesmo somente pela sua utilização; sabemos que em várias escolas foram montadas salas de informática com número significativo de máquinas, que não são utilizadas, ou são subutilizadas, trancadas a “sete chaves” para evitar possíveis roubos ou o mero desgaste. O mesmo ocorre, muitas vezes, com as salas de leitura ou bibliotecas, o que mostra uma visão muito mais administrativa e menos pedagógica dos diretores, preocupados em “preservar a escola” de possíveis atos de vandalismos que podem manchar a sua administração. A mentalidade de que livros, computadores, televisores, entre outros equipamentos, devam ser preservados, mesmo que à custa da sua não utilização, vem mudando gradativamente nas escolas públicas, mas ainda temos um longo caminho a percorrer.

O cinema não pode mais ser apontado como um instrumento inovador dentro da escola, pois esta inovação só se constituiu uma realidade no início do século XX, e também não é o uso das novas tecnologias que irá resolver os problemas do ensino. De acordo com Moraes (1997, p. 3):

Essa busca pelo novo – *make it new* – traz a impressão de que o novo é o mais adequado porque agradável, é prazeroso, o que facilitaria o ensino e a aprendizagem,

**Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto –
um estudo sobre a utilização do cinema na educação**

ou o novo é mais adequado porque é o “mais” perfeito, mais verdadeiro, “de acordo com as últimas descobertas das ciências da educação”. Essa busca da inovação pode ser interpretada como um cacoete do discurso pedagógico de perseguição do novo, do moderno.

Hoje, o fato inovador pode ser a sua utilização se traduzir em práticas pedagógicas diversificadas, ser tomado como uma *empresa epistemológica* (XAVIER, 2003). Dessa forma, o mérito do cinema, ao adentrar na sala de aula, não está na sua natureza inovadora, assim como também não está no seu potencial como motivador ou dinamizador do processo educativo, pois sabemos que o cinema pode não ser uma forma de motivar os alunos ou de tornar a aula mais dinâmica e interessante, pois exige do professor um esforço para desenvolver nos alunos o gosto pelo cinema, ou seja, ensiná-los a apreciar os filmes a partir do contexto da sua produção, a identificar os recursos cinematográficos e instrumentá-los para uma leitura e reflexão crítica do filme. Portanto, seu mérito está sim na possibilidade de ser submetido a uma assistência, análise e debate diversos, tendo seu texto e contexto relacionados aos objetivos colocados pela escola, como diz Moraes (2003). A frequência, situações e formas as quais o cinema é utilizado na escola, reveladas pela pesquisa de campo, mostram que no cotidiano escolar o cinema permanece ainda atrelado à sua função de instrumento didático para ilustrar ou introduzir conteúdos.

Submeter o cinema a *procedimentos escolares* implica romper com a visão “naturalista” de que os audiovisuais são produtores de entretenimento – o estranhamento e a crítica se dão ao se retomar os aspectos da realidade como temas disciplinares. Assim, o cinema, ao entrar na sala de aula, choca as formas tradicionais de ensino, e ao sair, choca as formas convencionais da assistência – ver filmes na escola é rever a forma de vê-los em outros lugares (MORAES 2003; 2006).

Reiteramos que, como afirma Franco (1992), todo filme é educativo; assim, qualquer filme pode ser levado para a escola, no entanto, isto não significa que a sua escolha não possa ser questionada. A pesquisa nos mostrou que os professores escolhem os filmes tendo como critério sua pertinência ao conteúdo que está sendo desenvolvido em suas aulas, e o que o filme pode ilustrar através de suas imagens. Nesse sentido o filme não é considerado como um objeto de conhecimento, conforme Duarte:

Geralmente, a escolha dos filmes que são exibidos em contexto escolar dificilmente é orientada pelo que se sabe sobre cinema, mas sim, pelo conteúdo programático que se deseja desenvolver *a partir ou por meio* deles. Nesse caso, o filme não tem valor por ele mesmo ou pelo que representa no contexto da produção cinematográfica como um todo; vale pelo uso que podemos ou não fazer dele em nossa prática pedagógica. (DUARTE, 2002, p. 88, grifo do autor)

Arlete Cipolini – Amaury C. Moraes

Certamente, o professor não vai usar um filme simplesmente porque ele é considerado unanimemente como bom, imperdível ou clássico, há que subordinar sua escolha ao que pretende ensinar. Como diz Saliba (2007, p. 95-96):

[...] nada substitui a escolha, que deve ser do professor. Pois considero que, aquilo que é válido para todo o processo educacional, também funciona na utilização das imagens. Apesar de vivermos uma civilização da imagem, é sempre bom dizer que a equação-chave da educação continua sendo o professor e o aluno; tudo será inútil, ilusório, diversionista, alienante e equívoca se desprezarmos essa equação.

O cinema, como vimos, além de ser um rico recurso didático passível de ser utilizado em todas as disciplinas e em todas as áreas do conhecimento, como forma de ilustração ou para introduzir novos conteúdos, é ele mesmo também um objeto de conhecimento, na medida em que proporciona uma *experiência estética* (XAVIER, 2003), ou seja, modifica nossa percepção acerca da realidade; posto que o cinema constitui uma prática social, merece ser tratado pelos conteúdos e pelas formas de que é composto como material fundamental para entender o mundo contemporâneo e a sociedade de hoje (TURNER apud MORAES, 2003).

Visto por essa ótica, a escola não se apropria do cinema como objeto de forma efetiva e adequada, pois mesmo o professor que propaga esta possibilidade, na prática o reduz a um instrumento, com a justificativa de que na sua formação não há um preparo adequado para esta tarefa – os depoimentos dos professores apenas confirmam esta realidade já do conhecimento de todos sobre as carências da sua formação. Mas há de se lembrar, como afirma Franco (1992), ao assistir qualquer filme com o objetivo de fruição associado ao olhar peculiar de docente, o professor pode se tornar um espectador especialista. Um exemplo dessa atitude de especialista é o trabalho desenvolvido por um dos professores entrevistados em parceria com outros três professores de outras disciplinas – Projeto Luzes da cidade – previsto para ser realizado durante todo o ano letivo, com idas bimestrais ao cinema e um trabalho sistemático anterior e posterior à assistência de cada filme, como discussão em grupo, envolvendo análise do filme e da linguagem do cinema, pesquisas sobre o tema, produção de textos, montagem de exposições fotográficas. Interessante frisar que os professores envolvidos nesse projeto se propõem a uma assistência e discussão prévias dos filmes entre eles, o que nos remete a um “saber” não codificado nem expresso numa linguagem teórica, mas que constitui a base da atuação docente (AZANHA, 1995), saber este que só pode ser enriquecido com iniciativas como essas.

Retomemos então outra questão suscitada pelos dados coletados, que se refere à relação existente entre a forma incipiente e inadequada da utili-

**Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto –
um estudo sobre a utilização do cinema na educação**

zação do cinema pela escola e a formação dos professores. O percurso histórico das tentativas de inserir o cinema na escola através de imposições legislativas ou de produção de periódicos, manuais e indicações bibliográficas mostrou-se insuficiente para garantir a efetiva inserção do cinema na escola, mesmo porque, parafraseando Moraes (2003), a melhoria do ensino não se restringe a reformas legais, renovações metodológicas e revisões programáticas. No depoimento dos professores, percebe-se a consciência do despreparo para a utilização do cinema, tanto do ponto de vista didático (uso como instrumento), como do ponto de vista epistemológico (uso como objeto); isso posto, a mediação entre o filme e o educando, apontada por Ferro (1992) e Napolitano (2003), raramente se realiza, pois o professor não se faz um “espectador especializado” como recomenda Franco (1992). A utilização do cinema na escola não constitui o único aspecto da deficiência da formação do professor; assim, como vários professores apontaram nos depoimentos, não se trata apenas de preparar o professor para a utilização do cinema, mas sim de prepará-lo de forma mais efetiva, profunda e abrangente para o trabalho docente. Não basta inserir uma disciplina para ensinar o professor como utilizar as novas tecnologias, os novos saberes e as novas linguagens na escola; os cursos de formação de professor precisam ser repensados e reestruturados de maneira a garantir uma qualidade, hoje não existente, na formação do futuro docente. Tomando a fala de Arendt (2002, p. 247):

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

Quando a escola “fecha seus olhos e ouvidos” para a realidade do mundo fora de seus muros, abandona seus alunos aos seus próprios recursos, tira-lhes a oportunidade de novos empreendimentos, não os prepara para a tarefa de renovar um mundo comum. Lembrando que os alunos têm acesso fora da escola não só ao cinema, mas a um enorme leque de informações através de outros recursos audiovisuais como TV, internet, videogames, jornais, enfim, dos meios de comunicação de massa em geral; recursos esses que se não forem incorporados pela escola, esta não terá como cumprir a tarefa de instrumentar seus alunos para se relacionarem com os audiovisuais de forma crítica. Isso nos remete ao desafio de que fala Napolitano (2003), ou seja, de o professor cumprir seu papel de mediador e tornar o aluno um espectador mais exigente e crítico, capaz de relacionar o conteúdo e a linguagem do filme com o conteúdo escolar.

Arlete Cipolini – Amaury C. Moraes

Talvez tenhamos duas dificuldades a superar, para que o potencial pedagógico do cinema seja plenamente realizado: a primeira, a de inseri-lo nos cursos de formação de professores; a segunda, a de encará-lo como uma realidade, que não pode ser ignorada, mas com a qual a escola não precisa competir e sim abrir suas portas.

Para finalizar, gostaríamos de frisar que o subtítulo desse trabalho – *tensões entre instrumento e objeto* – não se refere a uma relação conflituosa entre essas duas possibilidades de utilização do cinema na escola, mas *tensão* no sentido de resistência, de algo que se estica entre dois pontos que não são excludentes, mas que se misturam ou se confundem. O cinema pode ser entendido em dois níveis:

Por um lado, tem-se a ilustração, a “ressurreição” de que falava Serrano, o exemplo para a ação, o entretenimento e até o poder catártico que pode provocar a visão de um fato reconstruído pela sua representação – atualização. Por outro, o “estudo” dessa ilustração, da resurreição, do entretenimento e catarse, da representação do fato, isto é, a análise e a interpretação da mensagem e do meio, para falar das ambigüidades dessa dicotomia do século XX. (MORAES, 2003)

Não defendemos a utilização do cinema de uma dessas formas em detrimento da outra, nem tão pouco consideramos uma delas mais importante ou nobre; importa-nos sim que sejam afastadas as confusões que permeiam os conceitos de instrumento e objeto no imaginário dos professores, para que o cinema possa ser apropriado de forma adequada e definitiva pela educação.

Referências

- ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Baby Abrão. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção Os Pensadores.
- AZANHA, J. M. P. **Educação**: temas polêmicos. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- BERNARDET, J. C. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1980. (Coleção Primeiros Passos).
- BITTENCOURT, C. **Cinema, vídeo e ensino de história**. São Paulo, 1993. mimeo.
- DESGRANGES, F. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- DUARTE, R. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FERRO, M. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

**Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto –
um estudo sobre a utilização do cinema na educação**

FRANCO, M. S. A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais: lições de cinema 1. In: _____. **Cinema: uma introdução à produção cinematográfica**. São Paulo: FDE, 1992.

METZ, C. **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MORAES, A. C. **Métodos inovadores no ensino da Sociologia no 2º grau**: prova escrita para o processo Seletivo de professores de Prática de Ensino de Ciências Sociais no Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: FEUSP, 1997.

_____. Cinema, TV e cidadania: revendo posições. **Revista do Centro de Educação**, v. 28, São Paulo, 2003.

_____. Aprender e ensinar com cinema na educação. Trabalho apresentado na IV Semana da Educação: ensinar e aprender: formação, percursos e projetos. São Paulo: FEUSP, 2006.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

PELLEGRINI, T. Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações. In: PELLEGRINI, T. et al. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Senac, 2003. p. 15-35.

ROSENFELD, A. **Na cinelândia paulistana**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SALIBA, E. T. As imagens canônicas e a História. In: CAPELATO, M. H. et al. **História e cinema**. São Paulo: Alameda, 2007. p. 85-96.

XAVIER, I. (Org.). **A experiência do cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

Notas

¹ Artigo escrito a partir da dissertação de mestrado defendida em março de 2008, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

² Realizamos pesquisa empírica em 25 Escolas Estaduais de Ensino Médio do Município de São Paulo no período de agosto de 2006 a junho de 2007.

Correspondência

Arlete Cipolini – Rua Colômbia, n. 126, Jardim América, CEP: 06756-380 – Taboão da Serra (SP).

E-mail: acipolini@usp.br

Recebido em 26 de novembro de 2008

Aprovado em 10 de março de 2009

